

Ana Maria Haddad Baptista
Gilberto Aparecido Damiano
Mônica de Ávila Todaro
Vanderlei Barbosa
(Organizadores)

Variações Fenomenológicas, Formação e Arte: contribuições para o campo educativo



Lavras - MG
2020

© Editora UFLA 2020 by Ana Maria Haddad Baptista, Gilberto Aparecido Damiano, Mônica de Ávila Todaro, Vanderlei Barbosa.

Este livro é de uso livre e gratuito e pode ser copiado na íntegra ou em partes, desde que se cite a fonte. Qualquer dúvida ou informações, entre em contato conosco pelo e-mail: editora@editora.ufla.br

O conteúdo desta obra, além de autorizações relacionadas à permissão de uso de imagens e/ou textos de outro(s) autor(es), é de inteira responsabilidade do(s) autor(es) e/ou organizador(es).
Impresso no Brasil - ISBN: 978-65-86561-04-3

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS

Reitor: João Chrysostomo de Resende Júnior

Vice-Reitor: José Roberto Soares Scolforo

Pró-Reitora de Pesquisa: Joziana Muniz de Paiva Barçante

UNIDADE RESPONSÁVEL PELA EDIÇÃO DO LIVRO:

Conselho editorial responsável pela aprovação da obra:

Marco Aurélio Carbone Carneiro (Presidente), Nilton Curi (Vice-Presidente), Francisval de Melo Carvalho, Alberto Colombo, João Domingos Scalon, Wilson Magela Gonçalves

Referências Bibliográficas: Júlia de Fátima Emilioreli Giarola

Revisão de Texto: Ana Maria Haddad Baptista, Gilberto Aparecido Damiano, Mônica de Ávila Todaro, Vanderlei Barbosa

Projeto Gráfico, capa e diagramação: Marco Aurélio Costa Santiago

EXPEDIENTE EDITORA UFLA

Flávio Monteiro de Oliveira (Diretor)

Patrícia Carvalho de Moraes (Vice-Diretora)

Alice de Fátima Vilela

Damiana Joana Geraldo Souza

Késia Portelade Assis

Marco Aurélio Costa Santiago

Renata de Lima Rezende

Rosiane Campos de Oliveira

Vítor Lúcio da Silva Naves

Walquíria Pinheiro Lima Bello

Ficha catalográfica elaborada pelo Setor de Processos Técnicos da Biblioteca Universitária da UFLA

Variações fenomenológicas, formação e arte : contribuições para o campo educativo / organizadores: Ana Maria Haddad Baptista ... [et al.]. – Lavras : UFLA, 2020.
260 p.

Bibliografia.

1. Fenomenologia. 2. Formação. 3. Arte. 4. Educação. 5. Corporeidade. I. Baptista, Ana Maria Haddad. II. Damiano, Gilberto Aparecido. III. Todaro, Mônica de Ávila. IV. Barbosa, Vanderlei. V. Universidade Federal de Lavras.

CDD – 370.1

Ficha elaborada por Eduardo César Borges (CRB 6/2832)



EDITORA UFLA

Campus Universitário da UFLA, Andar Térreo do Centro de Eventos, Cx. Postal 3037,
CEP 37200-900 - Lavras/MG, Tel: (35) 3829-1532 - Fax: (35) 3829-1551

E-mail: editora@ufla.br, Homepage: www.editora.ufla.br

Arte e educação em perspectiva husserliana

Miguel Mahfoud

No presente texto, tematiza-se arte e educação, a partir de contribuições de Edmund Husserl. Experiências relatadas por dois artistas de reconhecimento internacional preocupados com a formação humana - Henri Matisse (*1869 - †1954) e William Congdon (*1912 - †1998) - são apresentadas, visando à tomada de consciência vivencial de conteúdos e dinâmicas apresentados, teoricamente, em análises de vivências pelo fundador da fenomenologia. Enfocamos a questão husserliana da função da matéria (*hylé*) para a formação do sentido na experiência do sujeito ao vivenciar o “mundo da vida”, apontando decorrências para a apreensão da íntima relação entre arte e educação.

Dimensão hilética da experiência e síntese passiva

Husserl apresenta a materialidade como solicitadora de elaboração da experiência por sua dimensão “hilética”. O fenomenólogo é conhecido pela problematização da intencionalidade egóica, abrindo caminho para críticas a seu pensamento como idealismo. Assim, se tenderia a esperar que ele fizesse considerações sobre a materialidade como estrutura a ser preenchida pelo sujeito, por meio da atividade do espírito. No entanto, sua contribuição é mais complexa e original, ao apontar que a materialidade compõe a vivência do sujeito, abrindo campo para uma atividade não egóica, claramente incidente na elaboração de sentido; a materialidade incide sobre o modo com o qual o sujeito se ocupa dela. Trata-se, de uma “intencionalidade passiva” - segundo a terminologia utilizada por

Husserl em seu livro *Síntese passiva*⁶⁸ -, ou “Intencionalidade indireta” ou ainda “intencionalidade implícita” - nas designações utilizadas por ele em *Meditações cartesianas*.⁶⁹ Assim, a *hylé* seria noema de noese não egocentrada - como apresentada em *Ideias II*.⁷⁰

Pela dimensão “hilética”, Husserl apreende a materialidade, por sua presença no sujeito: na vivência, a materialidade ativa processos nele, antes mesmo de sua tomada de consciência e antes de a vontade se apresentar. Trata-se de elaboração e mesmo de síntese não egóicas: há atividade do sujeito, mas originada pela materialidade vivenciada antes da atuação do ego.⁷¹

Exemplo cotidiano da materialidade suscitando elaboração antes ainda de o sujeito se decidir ou desejar fazê-lo, antes de a vontade entrar em questão, pode ser um vaso florido colocado sobre a mesa da sala de estar. Trata-se de uma forma de recepção a quem vier a adentrar o ambiente. Por quê? Aquela materialidade suscita em nós um campo de sentido, antes mesmo de aquela vivência do ambiente material ser integrada ao arsenal de experiências pessoais anteriores com vasos, flores ou recepções: na vivência, aquela materialidade, com sua estrutura própria, suscita em nós uma síntese que caracteriza a vivência como leveza e abertura - antes de alguma decisão ou vontade,

⁶⁸HUSSERL, Edmund. *Lezioni sulla sintesi passiva*. Tradução de Vincenzo Costa. Brescia: La Scuola, 2016.

⁶⁹HUSSERL, Edmund. *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia*. Prefácio de Márcio Pugliesi; tradução de Frank de Oliveira. São Paulo: Madras, 2012.

⁷⁰HUSSERL, Edmund. *Idee per una fenomenologia pura e una filosofia fenomenologica*. Vol. II, Livro II e III. Edição de V. Costa, tradução de E. Filippini. Torino: Einaudi, 2002.

⁷¹HUSSERL, Edmund. *Idéias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Prefácio de Carlos Alberto Ribeiro de Mouro, tradução de M. Suzuki. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

Cf. ALES BELLO, Angela. *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. Tradução de Miguel Mahfoud e Marina Massimi. Bauru: Edusc, 2004.

ALES BELLO, Angela. *Introdução à fenomenologia*. Tradução de Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Belo Horizonte: Spes, 2017.

GHIGI, Nicoletta. A hilética na fenomenologia: a propósito de alguns escritos de Angela Ales Bello. *Memorandum* (Belo Horizonte), n. 4, 2003, pp. 48 - 60. Consultado em <https://seer.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/10116/7831> em 25 de janeiro de 2018.

favorecendo certo campo de sentidos a serem elaborados, tendo como base a dimensão hilética. Utilizando o procedimento metodológico de análise de vivências denominado por Husserl como “variação imaginativa”⁷², podemos considerar a diferença de experiências, se, sobre a mesa, no mesmo ambiente, encontrássemos um vaso de vidro muito quebrado e vazio, com várias pontas à mostra e cacos à volta: a materialidade em nós mobilizaria um campo de vivências muito diverso, mais na tendência ao fechamento, definindo campos de sentido muito diferentes dos anteriores, antes mesmo de nos remetermos ao nosso histórico repertório pessoal de dor, ferimento, agressão, exclusão. Ou seja, a hilética abre caminho para nossa elaboração de sentido.

Husserl analisa o corpo como “corpo vivenciado” (também chamado de “corpo vivo”, ou “corpo próprio”)⁷³, pelo qual temos contato com a vida mesma, além do contato com sua materialidade física. Os dados hiléticos nele se apresentam como uma síntese de *dados sensíveis* (não egológicos) e *sentimentos sensíveis* da percepção interna (egóticos).⁷⁴

Nesse sentido, aquele vaso com flores não é estático, está agindo sobre nós, está suscitando elaboração de sentido, em certo campo de sentido. Não se trata de, arbitrariamente, atribuir qualquer sentido ao objeto; a menos que se faça violência contra a própria experiência.

Culturalmente, tendemos a considerar sentido como constituição própria do sujeito e liberdade como recriação de sentidos outros em

⁷²Cf. HUSSERL, Edmund. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica*. Tradução de Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

⁷³Corpo vivenciado, vivo ou próprio: “quando percebo ‘meu corpo’, essa percepção sempre inclui, ao mesmo tempo, elementos que vão além do que aparece como o invólucro de minha dimensão interior, e que, no entanto, mostram-se claramente diferentes de mim (...). Assim, nunca me percebo exclusivamente a mim mesmo; sempre me percebo em meio a situações físicas que, no entanto, não fazem parte de mim. Esse é o modo pelo qual somos corpóreos (ainda que não prestemos necessariamente atenção nisso) e a esse modo corpóreo de ser chamamos de corpo vivenciado/próprio: ele é próprio porque é meu corpo, marcado como unidade inconfundível em meio a um raio de percepção que inclui necessariamente sempre elementos que se distinguem de mim (*Leib*); não é apenas este corpo que posso tocar como minha carne e meus ossos (*Körper*)”. (KUSANO, Mariana Bar. *Corpo (Körper/Leib)*. Anexo 1. In: ALFIERI, Francesco. *Pessoa humana e singularidade em Edith Stein: uma nova fundação da Antropologia Filosófica*. São Paulo: Perspectiva, 2014, pp. 123-124).

⁷⁴Cf. HUSSERL, *Idee per una fenomenologia pura...* (Vol. II), op. cit.

relação aos estabelecidos. Husserl evidencia que as elaborações de sentido pelo sujeito estão baseadas na vivência do “mundo da vida” em sua materialidade, de modo que a *localização* da afetação é experienciada como uma espécie de convite a examinar a vivência (tanto o objeto como o próprio corpo e sua sensibilidade) de modo que se dá um movimento que também tende a ir além do dado imediato. Assim, no corpo, se dá uma *irradiação* - por intencionalidade passiva - da solicitação recebida, abrindo campo de experiência e de sentido. Hilética é, portanto, um *estrato animador subjacente*.⁷⁵ A localização das vivências do mundo não está destinada a simplesmente definir delimitações de nossa experiência, mas instaura uma dinâmica em nós que parte do dado e vai além dele, por *conexão* com outros campos de vivências e de sentidos.

No livro *Síntese Passiva*,⁷⁶ Husserl procura identificar leis daquela irradiação - bem em sintonia com as formulações da Teoria da Gestalt - e analisa, por exemplo, que pontos contíguos definem uma linha pela grandeza da distância e pela direção. Ali chega a identificar que, no campo visual, a unidade pode se dar por fusão, afinidade, sobreposição e/ou contraste. “A afinidade deve ser definida como algo que se distinguiu ao operar uma unificação: fusão privada de diferenças, como algo de oposto ao contraste”.⁷⁷ Assim, podemos reconhecer que a vivência não se irradia como se fosse a mesma em expansão, mas se irradia com uma complexidade interessante, isto é, estabelecendo *afinidade com campos de experiência diversos*: estabelecer afinidades significa identificar semelhanças e construir fusões naquilo que sabemos ser distinto. Assim como ao ver diversos pontos os fundimos como uma linha, tomamos elementos distintos, por meio de *afinidade e sobreposição*, gerando permanência da vivência e continuidade com outros elementos; ou tomamos elementos diversos por contraste.

⁷⁵HUSSERL, *Meditações cartesianas...*, op. cit.

⁷⁶HUSSERL, *Lezioni sulla sintesi passiva...*, op. cit.

⁷⁷Idem, p. 242.

No que se refere ao objeto, podemos dizer que a afeição é o redespertar de uma intenção a ele dirigida. Podemos, então, nos perguntar se não há, em outros termos, leis da propagação do redespertar intencional. Caso privilegiado é o da afeição influenciando a atenção, a apreensão, a aquisição cognoscitiva, a explicitação. Essa legalidade, então, passaria por si mesma à legalidade do despertar, da transmissão da atenção, ou - o que dá na mesma - do interesse temático e, eventualmente, seguido pela transmissão das apreensões e aquisições cognoscitivas. (...) A associação originária se realiza, na nossa esfera da sensibilidade hilética, exclusivamente no interior de cada campo sensível singular. Cada campo sensível forma para si, em outros termos, um próprio domínio fechado de tendências afetivas, capaz de uma unificação organizadora através da associação.⁷⁸

Somente se formadas através da afeição, só se a afeição, enquanto afeição efetiva, tiver se propagado de um ou mais pontos, sob as condições do cocrescimento, do contraste e, eventualmente, sob as condições do sentimento, só então se realiza efetivamente uma nova formação de unidade. (...) A formação mesma da unidade, a formação efetiva de grupos singulares ou de dados hiléticos singulares que existem, dependeria ainda do fator que permanecera à sombra da afeição.⁷⁹

O essencial não é a sucessão, mas, no seu ordenamento, o nexo de afinidade.⁸⁰

Assim, Husserl chega a evidenciar que o sentido não é formulado, arbitrariamente, pelo sujeito nem se estabelece simplesmente pelo recorte que o objeto apresenta, mas se dá na conexão com campos diversos em que a vivência se expande e se irradia por afinidade entre campos: o sentido não está posto e, ao mesmo tempo, não é um campo aberto a qualquer preenchimento.

Mundo vivo e sínteses ativas: arte e educação

Na elaboração das vivências do “mundo da vida” em sua materialidade, apreendemos (passivamente) conexões, de maneira tal

⁷⁸Idem, p. 246.

⁷⁹Idem, p. 247.

⁸⁰Idem, p. 248.

que os objetos se tornam presentes a nós. Ao tomar objetos por sua simples delimitação, os retiramos de nossa própria experiência, dando-se formulação de sentido desenraizado. Ao contrário, ao tomar o objeto em nexos de afinidades, a partir da provocação sensível e do movimento advindo em nós dá-se uma presença.

A relação do objeto com o mundo não pode se dar sem nós, sujeitos ativos lidando com a experiência que se dá em nós de modo passivo: A elaboração de sentido é atividade do ego com sua dimensão do espírito, que se baseia em algumas vivências, que, por sua vez, baseiam-se no contato com a materialidade.

Só nos atos do eu se realizava efetivamente e em sentido próprio uma consciência de objecto; um objecto como objecto, só se encontra aí para um eu ativo (...). A passividade é, em si mesma, o que vem em primeiro lugar, pois toda a atividade pressupõe, essencialmente, um subsolo de passividade e uma objetividade nela já pré-constituída. (...) O atentar é como que a ponte para a atividade, ou é a tentativa de seu início, e, para o seu prosseguimento, ela é o modo de execução permanente da consciência: toda a atividade autêntica se realiza no campo de visão da atenção.⁸¹

Atividade do espírito não é a que leva a uma formulação abstrata de um conceito (como tendemos a conceber, em razão de nossa formação cultural de raiz iluminista), mas atividade de lidar com o mundo capaz de torná-lo vivo.

No famoso texto *É preciso olhar a vida com olhos de criança*, Henri Matisse afirma:

Criar é exprimir o que temos dentro de nós. Todo esforço de criação autêntico é interior. Temos também de alimentar nosso sentimento, o que se faz com o auxílio dos elementos que tiramos do mundo exterior. Aqui intervém o trabalho, por meio do qual o artista incorpora, assimila, gradualmente, o mundo exterior até

⁸¹HUSSERL, Edmund. *Sínteses activas: a partir da lição "Lógica transcendental"* de 1920/21. Tradução de Carlos Aurélio Morujão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005, pp. 13 - 14.

que o tema que está desenhando se torne como uma parte de si mesmo, até que ele tenha o tema dentro de si e possa projetá-lo sobre a tela como sua própria criação.⁸²

A atividade do espírito torna o mundo um campo vivo do sujeito: o eu se toma, de maneira viva, o objeto através do movimento que adverte em si a partir da afetação do objeto. Pela apreensão do mundo como vivo e pela entrada no mundo como sujeito ativo e enraizado, a arte ajuda a olhar o mundo, contribui a tornar vivos o mundo e os sujeitos. De fato, no mesmo texto Matisse relata que, muitas vezes, perguntara aos que iam até ele olhar as pinturas: “*Viu os acantos no talude ao longo da estrada?*”.⁸³ A arte pode trazer para nós o mundo marcado pela atividade do espírito humano, e sua experiência não remete apenas ao objeto artístico por si mesmo ou a algum conceito, mas para a experiência mesma do mundo, viva e complexa.

A dinâmica instaurada, passivamente, no sujeito, pela materialidade tende a solicitá-lo como sujeito ativo que, para alimentar sua vida espiritual, precisa da materialidade: tomada pelo sujeito, espiritualmente, ativo, uma porção de matéria pode suscitar ainda mais vida, de modo tal que tudo pode ser vivo. Em tudo o sujeito vivo pode advertir potência, movimento, ação, vida.

Também o pintor William Congdon⁸⁴ elabora o tema, lembrando que para Tomás de Aquino a arte imita a natureza na sua *operatio*:

A montanha é o trabalho (a *operatio*) de suas partes, a tensão para que ela esteja - para que fique em pé, para que exista estruturada -, seja UNA. É a tensão das partes à unidade - a tensão da montanha à unidade do seu contexto. (...) A obra de arte não é diferente; não se pode olhar sem que o olho seja arrastado para o conjunto e para dentro desse conjunto. A função da parte é conduzir o olho ao conjunto, ao UNO.⁸⁵

⁸²MATISSE, Henri. É preciso olhar a vida com olhos de criança. In: MATISSE, H. *Escritos e reflexões sobre arte*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2007, pp. 370 - 371.

⁸³Idem, p. 370.

⁸⁴CONGDON, William. *L'arte, le cose, lo spazio. Il Nuovo Areopago* (Forlì), v. 6, n. 2, 1987, pp. 21 - 34.

⁸⁵Idem, p. 23.

Interessante notar a sintonia com as análises de Husserl indicadas acima, quando indicava que, ao tomar um objeto, sou levado para o mundo, para o conjunto; só apreendo o objeto na dinâmica de conjunto que ele suscita.

E Congdon aponta:

Se, ao pintar, você se dá conta de ser tentado a espiar as fronteiras - ou lugar de encontro - entre duas notas antes que estejam prontas a se encontrar, é sinal de carência de vida no centro, nos centros das notas de cores - porque, no fundo, há carência de vida no centro de você mesmo.⁸⁶

Husserl, em *Ideias II*,⁸⁷ chega a comentar que a conexão das funções intencionais dá caráter propriamente humano à elaboração da experiência: os materiais assumem função espiritual e a consciência permanece ligada ao corpo vivo, pela base hilética; matéria e consciência ligadas não aos contornos definidos pelas sensações, mas associadas pelos conteúdos entrecruzados:

Enquanto *sensações localizadas*, as sensações têm uma imediata localização somática que - para cada ser humano - são intuitivamente de competência de seu corpo vivo, como uma objetividade subjetiva que se distingue da coisa meramente material corpo vivo através de um estrato de sensações localizadas. Com esse estrato se conectam, porém, as funções intencionais, os materiais assumem uma função espiritual (...). Desse modo, a inteira consciência de um ser humano está de certo modo ligada ao seu corpo vivo através de sua base hilética, (uma vez que naturalmente as vivências intencionais não estejam mais localizadas propriamente, de modo direto, não se constituindo mais como um estrato no corpo vivo). A percepção, enquanto apreensão tátil da forma, não está no dedo que toca, em que estão localizadas as sensações táteis; o pensamento não está verdadeiramente localizado intuitivamente na cabeça como as sensações localizadas de tensão. O fato que frequentemente nos expressamos como se fosse assim não demonstra que na intuição real a apreensão seja assim. Os conteúdos entrecruzados da sensação têm realmente uma localização intuitiva.⁸⁸

⁸⁶Idem, p. 24.

⁸⁷HUSSERL, *Idee per una fenomenologia pura...* (Vol. II), op. cit.

⁸⁸Idem, p. 155.

E Congdon comenta que a apreensão da tensão entre os elementos permite ir além da estrutura estática, resultando em renovação das coisas mesmas, o que seria contribuição da arte na sua essencial sintonia com a dinâmica da experiência humana do “mundo da vida.”

A arte pinta o que as coisas fazem - a tensão delas - mas não se detém na simples estrutura como forma *estática*. A arte deve partir das coisas como são, mas para chegar às coisas como serão, isto é, para chegar à sua renovação, ao seu ser, continuamente novas.⁸⁹

E ele mesmo aponta a possibilidade de renovação de vida inscrita na experiência não reduzida a sensações, assim como na arte:

Van Gogh, ao pintar sua cadeira, com toda sua história, estava preocupado em torná-la sempre mais aquela específica cadeira, com a vida especial na qual ele a envolvera. E ali é o homem van Gogh que a torna tão comvente. É ele quem colhe aquele a mais da sua vida vivida na cadeira: a cadeira se tornou palpitante e vibrante de vida.⁹⁰

Como Husserl, também William Congdon elabora o tema da irradiação da vivência na pessoa e no “mundo da vida” e a função da atividade do espírito nesse processo. Enfatizando a importância do centro, o pintor retoma a seu modo a clássica imagem da pedra lançada no lago:

A partir do instante em que a pedrinha *impacta a água*, irradiam-se, do ponto de imersão da pedra, as *ondinhas*, ecos que continuam, que se estendem, que se expandem até o infinito. Essa dinâmica é o que impressiona o observador do quadro: a reverberação do espírito expandindo-se não termina nunca e agora penetra o observador, que vem a ser investido, envolvido. Não há escapatória.

Ao invés, o pintor que se concentrou no exterior, nos detalhes *periféricos* da massa, conduz o observador para aqueles detalhes, conduz o olhar dele que logo vem a se cansar, não penetra o espírito dele. É questão de lei da vida. A pedrinha jogada na borda do lago não gera vida, fica onde chegou, no seco.⁹¹

⁸⁹CONGDON, L'arte, le cose, lo spazio..., op. cit., p. 25.

⁹⁰Idem, p. 25.

⁹¹Idem, p. 26.

A atividade do espírito expressa na materialidade se comunica com a sensibilidade e atividade do espírito do observador, numa onda infinita.

Henri Matisse também tematiza a irradiação, viabilizando a vivência de infinito a partir da materialidade finita:

Na capela de Vence, que é o coroamento de minhas pesquisas anteriores, tentei realizar esse equilíbrio de forças, os azuis, os verdes, os amarelos dos vitrais compondo no interior uma luz que, propriamente falando, não corresponde a nenhuma das cores empregadas, mas é o produto vivo da harmonia entre elas, de suas relações recíprocas; essa cor-luz deveria brincar no campo branco bordado de preto da parede em frente aos vitrais, onde as linhas são deliberadamente muito espaçadas. O contraste me permite conferir à luz todo o seu valor de vida, transformá-la no elemento essencial, o elemento que colore, aquece, anima, na acepção própria do termo, esse conjunto onde é importante criar a impressão de um espaço ilimitado, apesar de suas dimensões reduzidas. Em toda essa capela não há uma linha, um detalhe que não contribua para dar tal impressão.

É nesse sentido, creio eu, que se pode dizer que a arte imita a natureza: pelo caráter vivo que um trabalho criador confere à obra de arte. Então a arte aparecerá tão fecunda e dotada desse mesmo frêmito interior, dessa mesma beleza resplandecente que possuem as obras da natureza. É preciso um grande amor, capaz de inspirar e sustentar esse esforço contínuo em busca da verdade, essa generosidade ilimitada e esse despojamento profundo que se encontram na gênese de toda obra de arte. Mas o amor não está na origem de toda criação?⁹²

Nesse sentido, despojamento é não sobrepor alguma atividade egológica ao fundamento da própria experiência, mas aceitar o momento hilético como condutor para que a atividade egológica, espiritual chegue a constituir a experiência como enraizada, vitalizada, vivida na relação com o mundo com criatividade, pessoalidade, liberdade, com experiência de transcendência.

De fato, na Capela de Vence, Matisse possibilita que, através do contato empírico com as cores dos vitrais se faça experiência não tanto das

⁹²MATISSE, É preciso olhar a vida com olhos de criança..., op. cit., pp. 371 - 372.

cores, mas de sua interação resultando em brilho, de modo que a vivência seja de expansão infinita no espaço limitado. Muito significativo como experiência de transcendência na vivência do espaço de característica religiosa. Interessante notar também que Matisse não era uma pessoa religiosa e que aceitou o convite, dentro de uma relação de amizade com uma assistente que se tornara religiosa, a quem ele permaneceu ligado. Também esse aspecto evidencia como a afeição abre campos além dos termos habitualmente estruturados: a partir de seus cuidados técnicos, a afeição lhe possibilitou abrir-se à experiência religiosa a ponto de proporcionar a todos uma experiência de transcendência e de infinito a partir da materialidade. Matisse evidencia uma característica importante da experiência religiosa, e a experiência continua a ser oferecida a quem visitar a Capela de Vence mesmo depois de sua morte. Função da arte, e também da educação.

Concluindo

Concluindo, resalto agora algumas consequências para arte e educação oferecidas pela perspectiva husserliana.

Ser sujeito, no que tange a sua característica elaboração da experiência, no que abre de perspectiva para a liberdade e a criatividade na sociedade contemporânea, pode abrir caminho significativo para avançarmos na valorizada superação do ego e de sua autoafirmação, para a urgente construção da cultura da tolerância das diferenças. Grandes desafios como esses que nos aguardam e nos solicitam.

O filósofo Husserl e os artistas Matisse e Congdon nos ajudam a reconhecer que o caminho do relativismo ou da adequação mecânica aos processos sociais podem não favorecer vivências autênticas e criativas. Evidenciam que a possibilidade de criatividade - assim como de apreensão da vida como acontecimento e de construção do mundo como vida - está inscrita na nossa capacidade de elaboração do que se apresenta a nós. O despojamento a que nos convidam pode levar à superação da posição

relativista, na coragem de colher a vida acontecendo, de modo que cada um possa contribuir na construção de um mundo em comum; pode levar também a superar a tendência cultural de afirmação e expansão de ego como busca de valorização de si. Convidam a cada um e a todos nós a adentrar esse âmbito de construção de sentido nas vivências corpóreas e nas relações, no silêncio contemplativo da beleza, ou nas lutas político-culturais. Convidam-nos a crescer como sociedade humana: com arte viva, com educação criativa, com crescimento de experiências humanas, com “eus” presentes.

Eles indicam outro ponto forte: a *atenção*.⁹³ Não raras vezes, a educação se pauta em conteúdos ou descarte de conteúdos, gerando desenraizamento e pulverização das experiências dos sujeitos (alunos e professores). Atenção à vida acontecendo, à vida que nos impacta e nos solicita, é campo propriamente educativo, a ponto de não deixarmos de colher as surpreendentes dinâmicas da vida (mesmo em sua dramaticidade e contradição) e não deixarmos de dar nossa resposta (atividade do espírito) como tomada de posição pessoal e autêntica, nesse nosso momento histórico. Assim, a elaboração da experiência no campo da arte como nos demais âmbitos de vida humana podem chegar a ser construtores. A natureza, por si mesma, não pode nos proporcionar o mundo humano de que inexoravelmente necessitamos: a resposta à provocação da natureza em nós é nossa responsabilidade perante nós mesmos e perante a história.

No texto *Crise da humanidade europeia e a filosofia*,⁹⁴ Husserl faz o seguinte comentário, que podemos acolher no âmbito do desafio de vivenciar arte e educação, a urgência de respostas espirituais às experiências da materialidade e superação da exaltação de ego:

⁹³Cf. BÉGOUT, Bruce. Husserl and the phenomenology of attention. In: BOI, Luciano et al. (Eds.). *Rediscovering phenomenology: phenomenological essays on mathematical beings, physical reality, perception and consciousness*. Dordrecht: Springer, 2007, pp. 13-32.

⁹⁴HUSSERL, Edmund. A crise da humanidade europeia e a filosofia. In: HUSSERL, E. *A Europa sob o signo da crise e da renovação*. Tradução de Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006, pp. 117 - 152.

As formações de sentido, produzidas nas pessoas individuais, com o maravilhoso modo novo de albergar em si infinitudes intencionais não são como as coisas reais no espaço que, entrando no campo da experiência humana, não têm ainda qualquer significado para os homens enquanto pessoas. (...) Torna-se o homem, gradualmente, um novo homem. O seu ser espiritual entra no movimento de uma reformação progressiva. Este movimento desenrola-se, desde o início, comunicativamente; no seu próprio círculo de vida, ele desperta um novo estilo de existência pessoal e, através da recompreensão do outro, um correspondente novo devir. Nele se difunde, desde logo (e, no seguimento, também para além dele), uma humanidade especial que, vivendo na finitude, vive para o polo da infinitude.⁹⁵

Que possamos, com liberdade e criatividade, acolher a provocação que chega a nós, por esses grandes seres humanos, para o bem de muitos.

Referências

ALES BELLO, Angela. *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. Tradução de Miguel Mahfoud e Marina Massimi. Bauru: Edusc, 2004.

ALES BELLO, Angela. *Introdução à fenomenologia*. Tradução de Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Belo Horizonte: Spes, 2017.

BÉGOUT, Bruce. Husserl and the phenomenology of attention. In: BOI, Luciano et al. (Eds.). *Rediscovering phenomenology: phenomenological essays on mathematical beings, physical reality, perception and consciousness*. Dordrecht: Springer, 2007, pp. 13-32.

CONGDON, William. L'arte, le cose, lo spazio. *Il Nuovo Areopago* (Forlì), v. 6, n. 2, 1987, pp. 21 - 34.

GHIGI, Nicoletta. A hilética na fenomenologia: a propósito de alguns escritos de Angela Ales Bello. *Memorandum* (Belo Horizonte), n. 4, 2003, pp. 48 - 60. Disponível em <<https://seer.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/10116/7831>>. Acesso em 25 de janeiro de 2018.

⁹⁵Idem, p. 127.

HUSSERL, Edmund. *Idee per una fenomenologia pura e una filosofia fenomenologica*. Vol. II, Livro II e III. Editoração de V. Costa, tradução de E. Filippini. Torino: Einaudi, 2002.

HUSSERL, Edmund. *Sínteses activas: a partir da lição “Lógica transcendental” de 1920/21*. Tradução de Carlos Aurélio Morujão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005.

HUSSERL, Edmund. A crise da humanidade europeia e a filosofia. In: HUSSERL, E. *A Europa sob o signo da crise e da renovação*. Tradução de Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006, pp. 117 - 152.

HUSSERL, Edmund. *Idéias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Prefácio de Carlos Alberto Ribeiro de Moura, tradução de M. Suzuki. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006.

HUSSERL, Edmund. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica*. Tradução de Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

HUSSERL, Edmund. *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia*. Prefácio de Márcio Pugliesi; tradução de Frank de Oliveira. São Paulo: Madras, 2012.

HUSSERL, Edmund. *Lezioni sulla sintesi passiva*. Tradução de Vincenzo Costa. Brescia: La Scuola, 2016.

KUSANO, Mariana Bar. *Corpo (Körper/Leib)*. Anexo 1. In: ALFIERI, Francesco. *Pessoa humana e singularidade em Edith Stein: uma nova fundação da Antropologia Filosófica*. São Paulo: Perspectiva, 2014, pp. 121 - 124.

MATISSE, Henri. É preciso olhar a vida com olhos de criança. In: MATISSE, H. *Escritos e reflexões sobre arte*. Seleção dos textos, notas e bibliografia de Dominique Fourcade. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2007, pp. 370 - 372.